

Cinema: *‘Um copo de cólera’ é exibido no Festival de Berlim* • 2

SEGUNDO CADERNO

Musical: *A história do século através de canções brasileiras* • 6

QUARTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 1999

O ‘cello’ brasileiro

Jaques Morelenbaum refaz o trajeto que o levou do clássico à trilha de ‘Central do Brasil’

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

S e Villa-Lobos aproximou o violoncelo da cultura brasileira, Jaques Morelenbaum certamente completou seu trabalho. Despertou o interesse de apaixonados pelo instrumento no Brasil e no exterior como Tom Jobim, Egberto Gismonti, Ryuichi Sakamoto e Sting além de se tornar um dos maiores especialistas em cordas e um dos mais requisitados arranjadores do país. Nesta entrevista, ele fala sobre sua formação musical, seu trabalho com Gal Costa e Caetano Veloso e seu envolvimento com o cinema. Ele é um dos responsáveis pela trilha sonora de “Central do Brasil”, de Walter Salles, e também de “O quatrilho” (Fábio Barreto), “Tieta do agreste” (Cacá Diegues) e da ainda inédita refilmagem de “Orfeu” de Cacá Diegues.

• **BERÇO:** Meus pais sempre consideraram a música como parte fundamental na formação do indivíduo. Lá em casa se falava muito da ligação da música tanto com o lado espiritual quanto com a matemática e as outras ciências. Meu pai (*o maestro Henrique Morelenbaum*) sempre foi professor de composição e contraponto e tinha esse enfoque. Ele era muito ocupado, mais ou menos assim como eu sou hoje. Durante a primeira infância eu tinha mais contato musical com a minha mãe, com a minha professora de piano Salomea Gandelman (*mãe do saxofonista Leo Gandelman*) e com a Esther Scliar, que me iniciou em música, uma das maiores feras que o Brasil já teve. Três mulheres! Esther era gaúcha e veio morar no Rio ainda novinha. Ela alugava um quarto na casa da minha avó e o pagamento era dar aulas para todos os netos, que aprendiam com a saudosa rainha da análise musical. O grande contato musical com meu pai acontecia quando viajavamos nas férias, nas andanças de carro a família toda cantando muito, aqueles cânone e muito improviso. Nessa época comecei a desenvolver o gosto pela criação, pela harmonização, o encaminhamento das vozes. Era tudo diversão. Acho que todo compositor é um improvisador. O ato de compor é improvisar. Depois é só registrar das mil maneiras possíveis. Uns registram na memória, outros numa fita ou numa mídia qualquer, e outros no papel. As formas de registro acabam sempre influenciando no resultado final da composição.

• **DE ERUDITO A POPULAR:** Meu caminho para o mundo da música popular brasileira foi o inverso da maioria. Como na infância as influências que vinham de casa eram totalmente voltadas para a música erudita, meus pais não tinham sequer discos de música popular. O universo da música erudita é tão grande, e a sede que eles tinham de ouvir e conhecer era maior ainda, que o tempo deles era todo preenchido por esse universo. Comecei a abrir os olhos para a música pop, de uma maneira geral, na escola, onde, eu sou de 54, todos só queriam saber dos Beatles e Rolling Stones e toda aquela explosão do rock dos anos 60. Aí entra o George Martin na história, eu tive uma identificação danada por causa do violoncelo, os arranjos... Meu objetivo sempre foi a criação, liberdade de expressão, poder dizer as minhas coisas e fugir um pouco daquela meta do músico erudito de ser apenas um intérprete das obras alheias. E uma vontade de vivenciar o mundo pop. Era uma barreira que eu não queria que existisse mas que existia na minha cabeça, forjada pelas circunstâncias da minha vida.

• **DESCOBRIMENTO DO BRASIL:** Na época do conjunto Barca do Sol todos nós tínhamos uma ligação forte com o rock e também um pé no Brasil. Tinha uma onda meio mineira que por sua vez também tinha seu pé no rock, a paixão pelo Milton, o pessoal do Clube da Esquina e a forte influência dos Beatles. Sou filho de imigrantes, meus quatro avós eram europeus, e só quando fui para os Estados Unidos pude perceber o quanto eu era brasileiro. Quando comecei com a Barca, essa questão de ser brasileiro, da música estar no sangue, do suingue estar no sangue, as influências africanas, tudo isso se tornou uma questão complicada na minha cabeça. Durante o período em que estudei fora a percepção de ser brasileiro ficou mais aguçada. Daí, a manhã sede ao voltar ao Brasil que era meu, a que eu pertencia. Uma vontade muito grande de me expor, experimentar e estudar, de tocar com os cantadores nordestinos, mergulhar a fundo na alma brasileira. *Continua na página 2*



Ana Branco

JAQUES MORELENBAUM: “Sou filho de imigrantes, meus quatro avós eram europeus, e só quando fui para os Estados Unidos pude perceber o quanto eu era brasileiro”

SEDE

PARQUE GRÁFICO

‘Um copo de cólera’ representa Brasil em Berlim

Filme de Aluisio Abranches sobre Raduan Nassar é exibido na Panorama; vencedor do Sundance passa na competição

BERLIM

Brasil se fez presente ontem, mesmo sem filmes na competição, no Festival de Berlim. “Um copo de cólera”, longa-metragem de estréia de Aluisio Abranches sobre o livro de Raduan Nassar, passou na sessão paralela Panorama, em estréia mundial. Júlia Lemmertz e Alexandre Borges, um casal na vida real, dá vida ao casal imaginado por Raduan: ela é uma jornalista o tempo todo conectada com o mundo real; ele, um recluso, um homem de vagos pensamentos anarquistas, com um rico passado intelectual, mas que desistiu da sociedade indo viver numa chácara afastada. Em 24 horas de intenso (e feliz) relacionamento sexual, os dois confrontam sua visão de mundo.

Filmado integralmente num sítio de Vargem Grande, no Rio, “Um copo de cólera” é o primeiro filme sobre um livro de Raduan a virar filme — um outro, “Lavoura arcaica”, de Luiz Fernando Carvalho, está em produção. Abranches, autor do curta “A porta aberta”, não se intimidou com o denso universo literário.

— Sinto como se tivesse um Shakespeare na mão, tal a condensação de assuntos tratados tão bem em apenas 80 e poucas páginas — diz Abranches. — No filme, segui a linha da paixão entre os dois personagens, uma relação em que está presente o humano, o político, o existencial.

Para dar conta desse universo, Abranches optou por um filme pequeno, concentrado nos dois atores, e barato — custou apenas R\$ 800 mil.

Harvey Keitel apresenta “Three seasons” na competição

Ontem também chegou a Berlim a atriz Shirley MacLaine. Ela será homenageada hoje pelo festival, recebendo um Urso de Ouro pelo conjunto de sua carreira, em cerimônia na qual será exibido o filme “Muito além do jardim”, de Hal Ashby, de 1979, em que contracenam com Peter Sellers. Ela já recebeu dois Ursos de Prata de melhor atriz: em 1959 por “Elas querem é casar” e em 1971 por “Desperate characters”.

O destaque de ontem na mostra competitiva foi o vencedor do último Sundance Film Festival, “Three seasons”, filme de estréia

do americano descendente de vietnamitas Tony Buy, produzido por Harvey Keitel, o único americano que também faz parte do elenco. Todo passado no Vietnã contemporâneo, o filme conta quatro diferentes histórias que se entrelaçam e formam um retrato do país pobre que venceu uma guerra dos Estados Unidos. Desde que estreou no Sundance vem sendo aclamado como um grande filme humanista.

Keitel veio a Berlim apresentar pessoalmente o seu primeiro filme como produtor, em que faz o pequeno papel do ex-soldado americano que volta ao Vietnã para procurar a filha que ele nunca viu. Esta história, ao lado da trajetória do menino vendedor ambulante, da prostituta que sonha em sair do Vietnã mas é alvo da paixão de um ciclista-taxista típico e da mulher que desenvolve uma relação espiritual com um velho poeta moribundo, compõe o retrato do país atual, muito diferente dos clichês com que o Vietnã é normalmente apresentado.

Hoje, além da exibição em competição do filme turco “Viagem ao sol”, de Yesim Ustaoglu, dois ve-

teranos diretores também apresentam seus trabalhos que vão concorrer ao Urso de Ouro. O francês Bertrand Tavernier mostra “Ça commence aujourd’hui” e o polêmico canadense David Cronenberg vem com “eXistenZ”.

Cronenberg mostra um pesadelo num mundo virtual

Tavernier, que ganhou o Urso de Ouro em 1995 com “L’Appat”, sobre o problema da delinquência juvenil, volta a abordar um tema social: “Ça commence aujourd’hui” é uma história a partir das consequências do desemprego europeu e das medidas dos governos em cortar os gastos com educação. O filme é centrado num diretor de escola vivido por Philippe Torreton.

Cronenberg também pega pesado. Seu “eXistenZ”, estrelado por Jude Law, Jennifer Jason Leigh, Willem Dafoe, Sarah Polley e Ian Holm, aborda o mundo dos jogos de computador. Numa história que dilui totalmente as fronteiras entre ficção e realidade, o diretor de “Crash” vai fundo num pesadelo vivido pelos personagens num mundo totalmente virtual. ■



AFP

SHIRLEY MACLAINE chega a Berlim: a atriz ganha Urso de Ouro especial

O ‘CELLO’ BRASILEIRO • Continuação da página 1

‘Terceira corrente’ para achar a identidade

Morelenbaum estudou de Stravinsky a Coltrane, de Milton Nascimento a Bartók

Uma escola de música em Boston que estimula a liberdade artística; o uso do violoncelo como instrumento de improviso e o contato com Tom Jobim, cuja obra Jaques mantém no Quarteto Jobim-Morelenbaum (ao lado de sua mulher Paula e de Paulo e Daniel Jobim, respectivamente, filho e neto de Tom), são mais alguns dos marcos na trilha do músico.

• **EM BOSTON:** A New England, em Boston, é uma escola de música com uma visão muito aberta. Uma das coisas que mais me atraiu lá foi um departamento chamado *third stream* (terceira corrente). Criado pelo compositor americano Ron Blake, trata da evolução do estilo pessoal de cada um, o oposto da *main stream* da Berklee School. Todo o desenvolvimento do aluno se baseia na dissecação e análise de estilos pessoais de compositores das mais diversas origens e formações, de Stravinsky a John Coltrane, além de um aprofundamento em música étnica. A gente estuda música do Ceilão, da Espanha, da África, do Brasil. Durante o tempo em que estive lá, entre 1978 e 1980, estudei Milton Nascimento nessa cadeira ao mesmo tempo em que estudava Bartók, entendia um pouco da música de Java, que tanto influenciou Debussy, e também de música chinesa. Fora isso a escola tinha duas orquestras sinfônicas, departamento de música erudita, além de outro de jazz muito forte, comandado por professores do calibre de George Russel e Jimmy Duffrey.

• **OUVIDO INTERNO:** Arranjo propriamente dito eu não estudei. Mas estudei composição e todo o curso se baseava em grafia musical. Meu professor, Tom MacKinley, compositor, grande improvisador e pianista de jazz que escreve para todas as sinfônicas americanas, dizia que composição não se ensinava e que o mais importante era você expressar, o melhor possível, as suas idéias através de uma grafia musical clara para facilitar a leitura e o entendimento do músico que fosse tocar. Tudo isso voltado para o desenvolvimento do ouvido interno. Ele botava a gente na sala de aula escrevendo para uma determinada formação, cordas ou sopros, durante uma hora, sem



Marco Antonio Teixeira/17-3-97

MORELENBAUM (À ESQUERDA), com seus companheiros no Quarteto: o baterista Feijão, Paula, Daniel e Paulo Jobim

instrumento nenhum. Depois, na segunda hora, entrava o grupo de instrumentistas para executar o que escrevíamos e o professor comentava com a turma.

• **O VIOLONCELO:** Villa-Lobos aproximou o violoncelo da cultura brasileira. Muito antes de me tornar músico profissional, o *cello* já estava presente na música dos meus grandes ídolos, Tom Jobim e Egberto Gismonti. Seguramente tem aí um espelho em Vila, que era apaixonado pela música folclórica e popular. Mas, durante determinada época, o violoncelo não era considerado um instrumento bom para o improviso. Acho que o nome define exatamente: instrumento, um meio de você expor as suas idéias. Tem gente que expõe com a voz, tem gente que expõe com a caneta e outros com um instrumento musical. Se você domina a técnica de um instrumento, qualquer que seja, sabe se exprimir emocionalmente por ela, pode improvisar.

• **TOM JOBIM:** Foi um grande presente da vida estar próximo a ele, que era um grande mestre, e saber que a música que eu produzia estava sendo ouvida por um grande mestre. Cada nota que eu tocava, cada pensamento musical

que me ocorria tinha como parâmetro um cara nas alturas, um cara de um aprofundamento musical raríssimo na história da música. O maior susto que levei foi no primeiro ensaio que tive com Tom, quando eu perguntei a ele onde deveria tocar e o que ele queria que eu fizesse. Ele respondeu: “Faça o que você quiser”.

• **CENTRADO NO BRASIL:** Tive a sorte de fazer trilhas de filmes importantes como “O quatrilho”, “Tieta”, “Orfeu”, “Central do Brasil”. Na época da ditadura, sempre se falou muito em países desenvolvidos e subdesenvolvidos e a minha visão é atrelada a isso. Ainda existe um subdesenvolvimento de visão no Brasil. A indústria cinematográfica americana é o que rege por lá, trazendo credibilidade para todas as outras indústrias dos EUA. Isso ainda falta ser desenvolvido no Brasil, o que mais identifica uma nação é a sua cultura. Quando derem a importância devida ao binômio educação e cultura as possibilidades de o Brasil se desenvolver economicamente se ampliam. No caso de “Central do Brasil”, na verdade, Antonio Pinto, um compositor de muito talento que vem da área de propaganda e com grande experiência de criação em cima de

imagens, já vinha trabalhando com o Waltinho. Os dois sentiram necessidade de uma roupagem orquestral e me chamaram. A primeira vez que vi o filme, num computador com imagem precária, fiquei muito emocionado e me apaixonei pelo projeto. O trabalho com Antonio se desenvolveu de uma maneira tranquila e caseira. No início foi fácil e no final, trabalhoso, pelo grau de exigência do Walter para se chegar a um padrão internacional de qualidade. A música foi gravada e finalizada no Brasil. O material humano brasileiro está evoluindo, muita gente se especializando. Equipamento e ótimos estúdios a gente tem também. Mas faltam estúdios para gravação de trilhas de cinema. Agora mesmo gravei uma sinfônica em estúdio e tive de fazer o trabalho por partes porque o estúdio não tinha dimensões para abrigar a orquestra inteira. Tivemos grandes estúdios no tempo do rádio, quando as gravações eram diretas e ao vivo. Existem projetos para grandes estúdios mas fomos freados pela crise... Espero que seja uma onda passageira e que retomemos o desenvolvimento. ■

MARIO ADNET é compositor e arranjador

Miguel Falabella
Assistido por mais de 400 mil pessoas
A BRUNO
X ALTO
LOURO
procura...
SOLTEIRO

AMANHÃ A DOMINGO
18 A 21 FEV

HORARIO

AMANHÃ AS 21:30 H.
SEXTA E SABADO AS 22:30 H.
DOMINGO AS 20:30 H.

PREÇOS

PLATEIA R\$20/ESPECIAL R\$35/
PALCO R\$50/CAMAROTES R\$35/50.

APICD

JB FM
99.7

CREEDENCE CLEARWATER REVISITED
O mais puro Rock'n Roll americano

QUINTA
25 FEV

HORARIO

21:30 H.

PREÇOS

PLATEIA R\$25/ESPECIAL R\$35/
PALCO R\$50/CAMAROTES R\$35/50.

APICD

JB FM
99.7

HOTEL INTER-CONTINENTAL RIO

Miguel Falabella Zezé Polessa
e o humor de um casal de fim de milênio na peça
O SUBMARINO

SEXTA E SABADO
26 E 27 FEV

HORARIO

22:30 H.

PREÇOS

PLATEIA R\$25/ESPECIAL R\$35/
PALCO R\$50/CAMAROTES R\$35/50.

APICD

JB FM
99.7

INGRESSOS DISPONÍVEIS: 421-1331/FAX: 421-1336. TEATRO DA LAGOA INF: 512-9990. SHELL-LOJAS SELECT: (TAXA DE SERVIÇO 15%). POSTO IATE (BOTAFOGO), CANÁRIO (BARRA), EXCEDE (LAGOA), HAWAII (ILHA), SÃO BENTO (ICARAÍ) E GUADIANA (TIJUCA). FAIXA ETÁRIA: 14 ANOS DE 07 A 13 ANOS ACOMPANHADO DO RESPONSÁVEL LEGAL - www.metropolitan.com.br

DISK-METROPOLITAN TEL: (021) 532-1919 COMPRE SEU INGRESSO DE PISTA COM MASTERCARD E DINERS (TAXA DE ENTREGA).

TENHA O MINISTÉRIO, O SENADO E O CONGRESSO EM SUAS MÃOS.

O GLOBO
ASSINE: (021) 504-4000

O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

EDITOR: Arnaldo Bloch (arnaldo@oglobo.com.br)
SUBEDITORES: Carla Lencastre (carla@oglobo.com.br) e Luiz Fernando Vianna (lfvianna@oglobo.com.br)
Telefone/Redação: 534-5000
Publicidade: 534-5500

Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar. CEP: 20233-900

HILDEGARD ANGEL

• A coluna de Hildegard Angel está sendo publicada hoje no caderno Carnaval 99.

PARQUE GRÁFICO

SEDE